
Rua 5 de Outubro (Crato): uma intervenção do Instituto Português de Arqueologia

LEONOR ROCHA¹
NELSON ALMEIDA²

R E S U M O

Resultado das sondagens arqueológicas realizadas na sede da Extensão do IPA - Crato, executadas no âmbito das obras de beneficiação do edifício. Foram identificados níveis de ocupação modernos e contemporâneos.

A B S T R A C T

Here we present the results of the archaeological works that took place at the IPA-Crato Extension, during construction and maintenance of the building. The excavations reveal archaeological levels from modern and contemporary periods.

1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos realizados, por parte dos arqueólogos da Extensão do IPA - Crato, deveram-se à necessidade de se proceder a obras de conservação no edifício em que se localiza a Extensão do Crato, que se encontra classificado como Imóvel de Interesse Público. Estes trabalhos tiveram a assessoria técnica da divisão de Obras de Conservação e Restauro do IPPAR - Évora, que delinearão o plano de intervenção para o local.

Assim, o plano apresentado pela Arquitecta Sofia Salema, para esta obra, previa:

- Execução de uma vala, junto à parede exterior do edifício (1.º andar), até ao nível das paredes do piso térreo;
- Remoção de todo o pavimento do piso térreo, com rebaixamento de cerca de 50 cm, para colocação de uma drenagem;
- Total remoção dos revestimentos de cimento;

2. Enquadramento histórico

A vila do Crato remonta ao século XIII (1232) altura em que D. Sancho doa a região de Ucrato ou Ocrato à Ordem do Hospital, ficando esta com a obrigação de promover e fortificar a vila. A construção do castelo inicia-se nesta data, tendo sofrido obras de restauro e conservação nos séculos XV, XVII e XX.

No século XVII o Castelo medieval foi transformado em fortim abaluartado.

Em relação ao edifício onde se encontra a Extensão do IPA Crato, desconhece-se a data da sua fundação. Em 1775 foi nela construída uma capela, a expensas da sua proprietária, D. Rosa Maria de Andrade Monteiro, para que os presos da cadeia, que se encontra localizada defronte, pudessem assistir às celebrações litúrgicas.

Teve obras de restauro, conhecidas, em 1977 para abertura ao público de todo o edifício. Em 1998, sofreu pequenos restauros aquando da instalação do IPA.

3. O acompanhamento arqueológico

O acompanhamento arqueológico da obra incidiu, nas áreas em que se efectuaram revolvimentos dos solos, no piso térreo, onde se procedeu a alguns rebaixamentos do pavimento e à abertura de valas.

No primeiro compartimento (1) interior que corresponde actualmente a uma das salas de depósitos de materiais apareceu, logo abaixo do pavimento, pedras estruturadas e materiais arqueológicos o que levou a uma paragem da obra, neste local, tendo os funcionários da firma António Serra passado para o compartimento adjacente (2).

3.1. Metodologia

Após a identificação de níveis arqueológicos conservados durante o acompanhamento da obra, interromperam-se os trabalhos para se proceder a uma escavação arqueológica.

A metodologia utilizada baseou-se nos princípios de escavação e registo propostos por Barker e Harris.

3.2. Escavação

Tal como se referiu anteriormente, a primeira intervenção que se realizou foi no compartimento 1 (Ambiente 1), face ao aparecimento de níveis arqueológicos conservados num dos cantos (ver planta).

Segundo as plantas mais antigas, este compartimento correspondia a uma antiga cozinha. Foi na área onde aparecia assinalada a lareira que se encontraram restos de estruturas, muitas cerâmicas (ver planta), algumas partidas *in situ*, e abundantes ossos de animais. Identificaram-se ainda muitos carvões e madeiras.

Ambiente 1 – Unidades Estratigráficas

[1] – Terras castanhas escuras, com muitos carvões, ossos queimados e materiais arqueológicos (cerâmicas);

- [2] – Mancha castanho-amarelada. Pela textura parece tratar-se de restos de uma argamassa;
- [3] – Restos de uma estrutura com pedras de média dimensão, junto ao pote (ver Planta);
- [4] – Estrutura constituída por pedras de pequena dimensão, paralela à parede;
- [5] – Mancha de terras castanhas claras, com materiais arqueológicos;
- [6] – Afloramento rochoso: granito que se encontra, em alguns locais, muito desagregado.

As estruturas deverão corresponder a restos da antiga lareira que, pelos materiais arqueológicos recolhidos, deverá ser do século XX.

Na restante área deste compartimento, não se identificaram mais nenhuns níveis arqueológicos, estando a rocha base (granito) logo a seguir ao pavimento.

No compartimento 2, também interior, não se identificaram quaisquer níveis arqueológicos conservados. Por baixo do pavimento encontrava-se um nível de entulhos muito recentes, provavelmente resultantes das obras de transformação do edifício em Museu e, subjacente a este a rocha base (granito).

No entanto, ainda se recolheram alguns materiais arqueológicos deste nível de entulhos [0], razão pela qual se considerou este Compartimento como Ambiente 2.

No exterior do edifício, dada a necessidade da abertura de uma vala de drenagem, procedeu-se à realização de uma sondagem de forma trapezoidal uma vez que se encontra entre 3 paredes, com as seguintes medidas: comprimento 2,20 m e 1,74 m; largura 1,50 m.

Retirada a calçada apareceu uma camada de entulhos de formação relativamente recente [0]. No canto Sul, apareceu uma estrutura [1] constituída apenas por uma fiada de pedras, algumas de grandes dimensões que formava canto ou seja, aparecia por baixo da soleira da porta e continuava em direcção ao quintal. Junto à soleira fazia esquina para Sul e prolongava-se para o quintal da vizinha.

Nesta estrutura definiu-se uma nova unidade [2]. Para o lado Norte e no canto NW definiu-se uma camada de terras muito negras com carvões e materiais que encostava à [1] e se sobrepuña à [4].

No canto SW, entre a [1] e o muro do quintal contíguo definiu-se a [5], também com terras muito escuras.

Após a remoção destas U.E.s surgiu a [6] que se estende por toda a área aberta. Era bastante espessa. Pelas suas características (muitas telhas e pedras) foi interpretada como um nível de entulhos.

Subjacente a esta foram identificadas duas novas unidades, uma [7] com terras escuras e materiais arqueológicos (cerâmicas e 1 moeda) e, a outra, que aparece numa área mais circunscrita [8] de terras claras e com poucos materiais arqueológicos (muita telha e pedras médias). A escavação destas unidades permitiu verificar que a [8] encostava à [7]. Por baixo identificou-se a [9], que era muito semelhante à [7]. No canto SW, esta unidade alteia dando a impressão que se trata de despejos de terras que formaram um cone de escorrências.

Subjacente a esta surgiu um novo nível de derrubes [9] com pedras de médias dimensões, algumas delas em cutelo, no lado sul. Devido à inclinação da U.E. anterior, esta unidade apresentava também um certo desnível. Deverá corresponder a um derrube dos muros dos quintais anexos.

Removida esta camada surgiu a [10] que se apresentava muito húmida, com materiais arqueológicos (cerâmicas não vidradas, moedas, alfinetes e muita fauna), e que se desenvolve por baixo dos muros dos quintais adjacentes (a N e a S).

Ambiente 3 - Unidades estratigráficas

Não se considerou como U.E. a calçada existente.

[0] - Nível de entulhos com terras castanhas escuras e abundantes materiais arqueológicos (vidrados);

[1] - Estrutura com pedras relativamente grandes, de granito;

[2] - Camada de terras amareladas que se encontra dentro da [1], numa área sem pedras, contendo muitos materiais arqueológicos e telhas de meia cana;

[3] - Camada de terras muito negras. Encontra-se circunscrita ao canto SW; encosta à [1] e [2]. Sobrepõe-se à [4]. Com carvões e materiais arqueológicos;

[4] - Camada de terras acastanhadas com materiais arqueológicos;

[5] - Camada de terras muito negras, com carvões e cerâmicas. Semelhante à [3].

[6] - Camada de terras castanhas amareladas com muitas telhas de meia cana e pequenas pedras soltas; poucos materiais arqueológicos;

[7] - Camada de terras castanhas escuras, com materiais arqueológicos. Está subjacente à [6] e encosta à [8];

[8] - Camada de terras castanhas claras com pedras e telhas;

[9] - Camada de terras castanhas escuras com nódulos de granito a desfazerem-se, poucas telhas, algumas pedras e materiais arqueológicos. Camada não horizontal. No canto SW altaia, dando a impressão que as terras teriam sido despejadas nesse canto formando um cone de escorrência para NE;

[10] - Nível de pedras de um derrube constituído por blocos de granito de dimensões médias, algumas em cutelo;

[11] - Camada de terras castanhas escuras, muito húmida, com materiais arqueológicos (cerâmicas não vidradas, alfinetes, moedas) e raras telhas;

[12] - Nível de base: substrato granítico.

3.3. Materiais arqueológicos

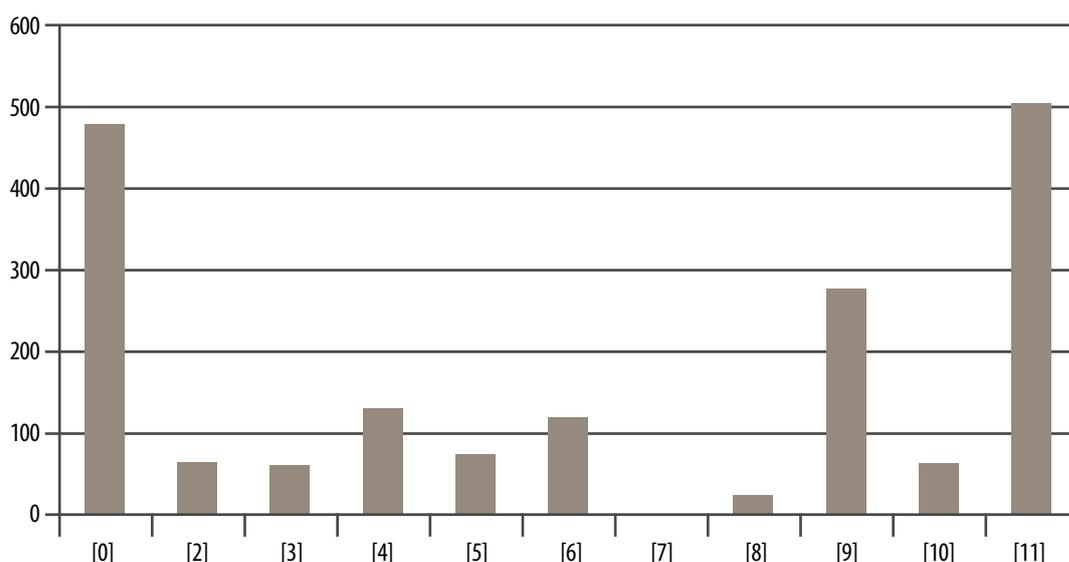


Fig. 1 Total de registos por U. E.

3.2.1. Inventário do espólio cerâmico

Os materiais cerâmicos recolhidos provêm, maioritariamente, da intervenção realizada no pátio exterior. Em relação às formas, estão presentes os pratos, tigelas, alguidares, panelas e talhas.

Os vidrados são monocromáticos (branco) e bicromáticos (fundo branco com decorações em diferentes tons de azul, amarelos, verde, laranja, castanho, roxo, cerâmica de Nisa). As cerâmicas vidradas possuem, normalmente, pastas brancas ou levemente rosadas.

Alguns fragmentos de cerâmica apresentam uma pasta bastante “tosca” com abundantes elementos não plásticos de quartzo, de grandes dimensões.

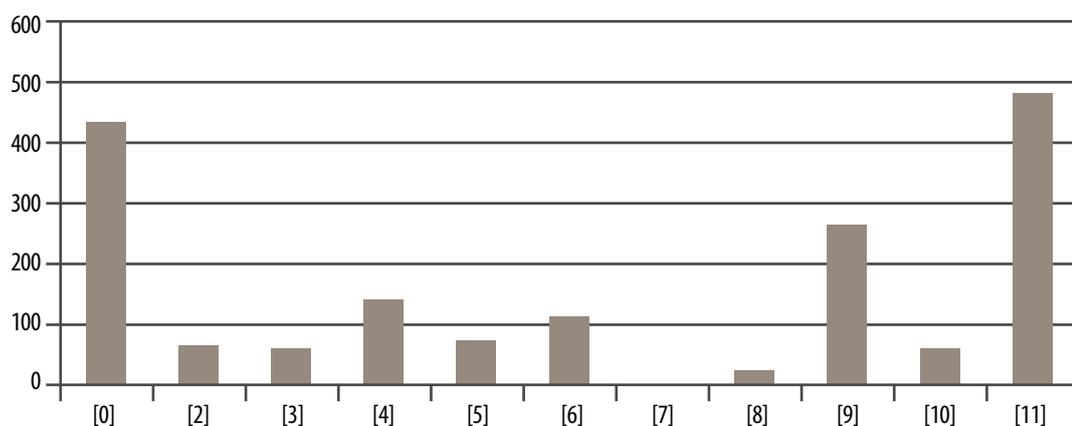


Fig. 2 Número de fragmentos de cerâmica por U.E.

Em relação ao número de registos de fragmentos de cerâmica por U.E. verifica-se que, apenas na [7] não se recolheu nenhum.

3.2.2. Inventário do espólio metálico

Em relação aos artefactos de metal recolhidos merece destaque o elevado número de alfinetes recolhidos (16) e os fragmentos tubulares (7). Regista-se ainda a presença de um dedal e de pregos.

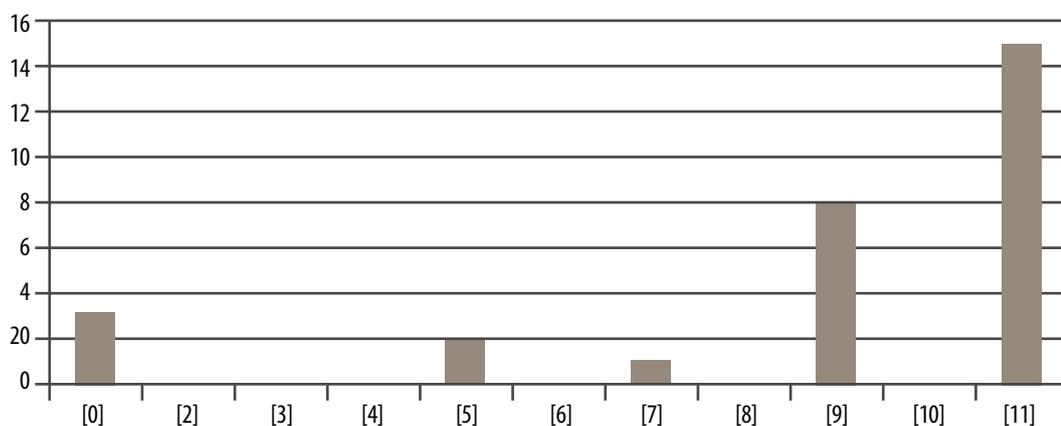


Fig. 3 Elementos de metal por U.E.

3.2.3. Inventário das moedas

As moedas recolhidas poderão vir a fornecer mais dados sobre as cronologias desta intervenção, sobretudo para os níveis mais antigos, dado que se recolheram 5 moedas na [9] e 2 moedas na [11].

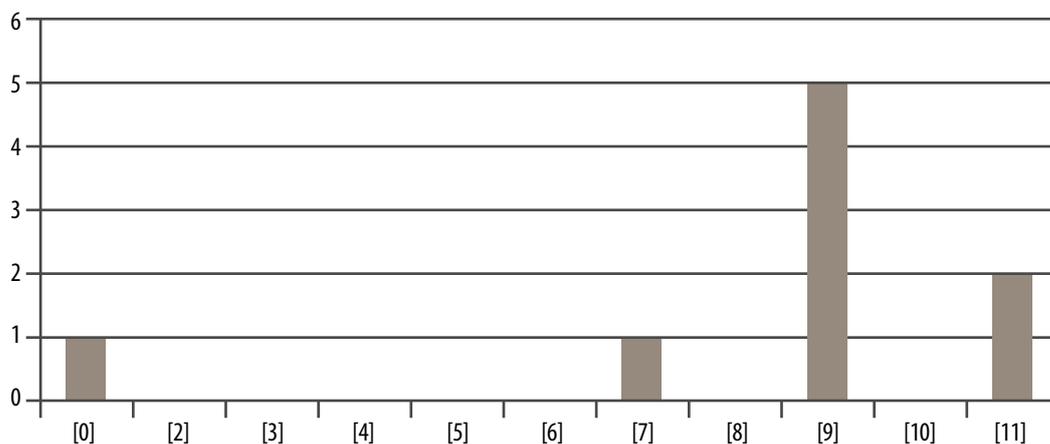


Fig. 4 Moedas por U.E.

3.2.4. Inventário espólio faunístico

No decurso desta intervenção foram também identificados abundantes restos faunísticos, os quais foram integralmente recolhidos e posteriormente analisados pela Dr.^a Marta Moreno no Centro de Investigação em Paleoecologia Humana. Deste trabalho resultou a publicação de um relatório (Moreno García, 2002).

3.2.5. Inventário espólio em vidro

Os fragmentos de vidro recolhidos são, em geral, de pequenas dimensões, o que impede uma caracterização mais precisa.

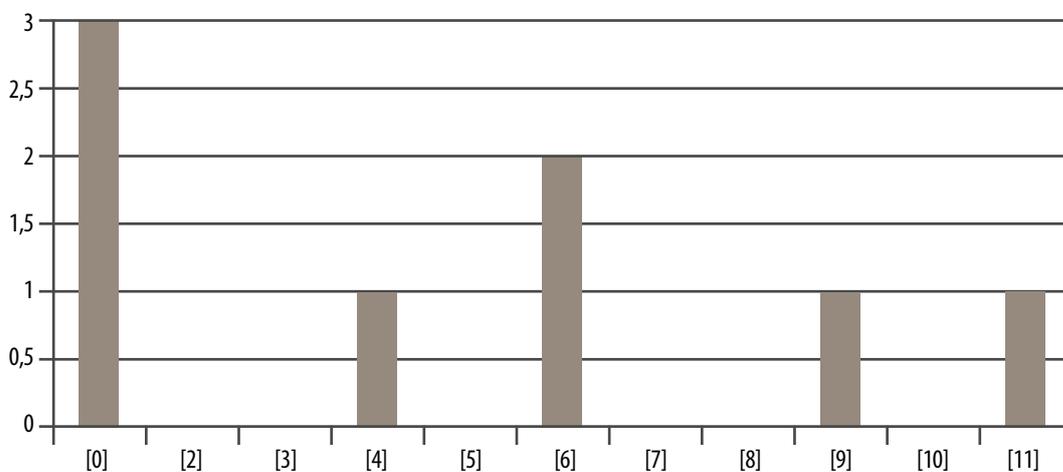


Fig. 5 Elementos em vidro por U.E.

3.2.6. Inventário de espólio em osso (decorado)

Foram recolhidos dois fragmentos de osso decorado que deverão corresponder a cabos de utensílios de cozinha.

3.2.7. Inventário de espólio de pedra

No que diz respeito aos elementos de pedra recolhida regista-se a presença de lascas (quartzito e sílex), de discos em xisto (tampas ou malhas?) e de 2 fragmentos em mármore de um almo-fariz [8].

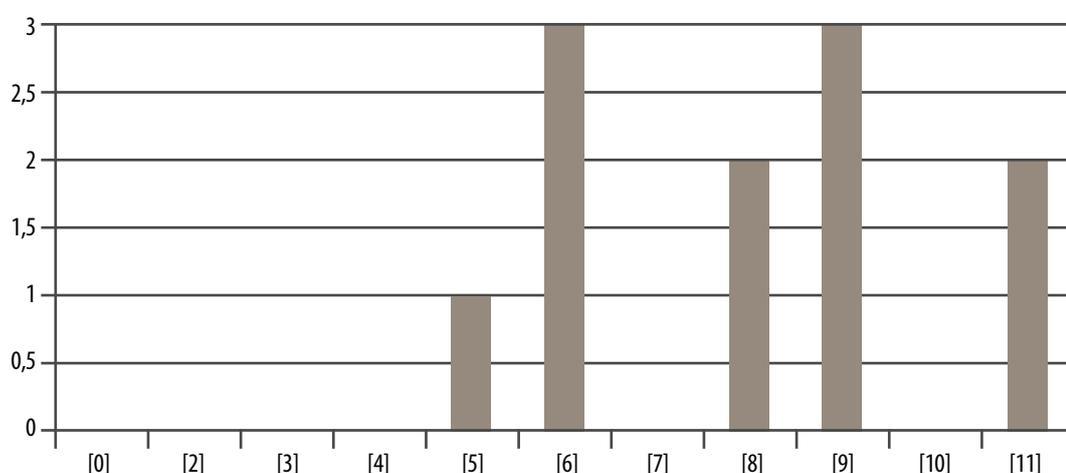


Fig. 6 Elementos em pedra por U.E.

4. Considerações finais

A intervenção realizada permitiu-nos identificar um conjunto de materiais que devem enquadrar-se entre o século XVII e o XX.

A ocupação mais recente foi identificada no interior do edifício, no R/C, num compartimento que funcionou até meados do século XX como cozinha.

No pátio exterior, onde se realizou uma escavação até ao substrato rochoso, os materiais apontam para cronologias mais antigas que deverão recuar até ao século XVII. Trata-se, em alguns casos, de materiais cerâmicos de produção autóctone ou regional, com predomínio de cerâmicas com cobertura vítrea total ou parcial.

As cerâmicas de pasta negra com decoração obtida por fricção não são da região, uma vez que estas decorações são aqui feitas sobre barros vermelhos. As três áreas de produção deste tipo de cerâmicas são Chaves, Bisalhães e Vila Real.

As faianças com decoração a azul e cor de vinho remetem-nos para contextos dos séculos XVII e XVIII.

O estudo dos restos faunísticos encontrados no Ambiente 1 e 3, estudados pela Dr.^a Marta Moreno García, permitem-nos verificar que nestes períodos a dieta alimentar era composta por uma ampla variedade de espécies domésticas e selvagens.



Fig. 7 Pormenor da obra do Ambiente 1.



Fig. 8 Pormenor da obra, no comportamento de entrada.



Fig. 9 Pormenor da escavação no Ambiente 3.



Fig. 10 Cântaro de barro, após restauro. Ambiente 1.

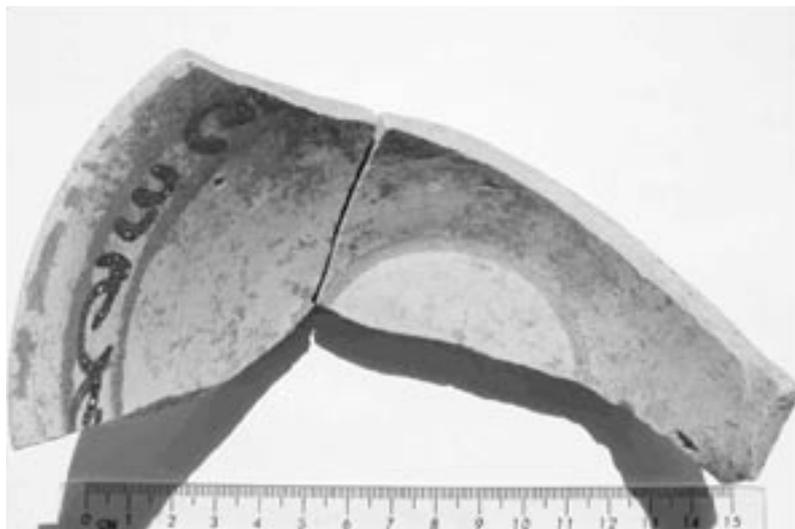


Fig. 11 Taça. Ambiente 3.



Fig. 12 Fragmentos de faianças. Ambiente 3.



Fig. 13 Fragmentos de faianças. Ambiente 3.

AMBIENTE 1

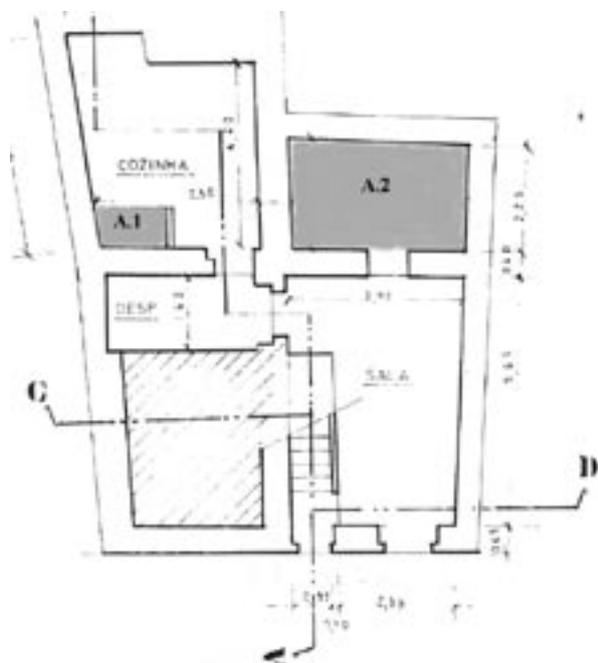


Fig. 14 Planta do r/c. Ambientes 1 e 2.

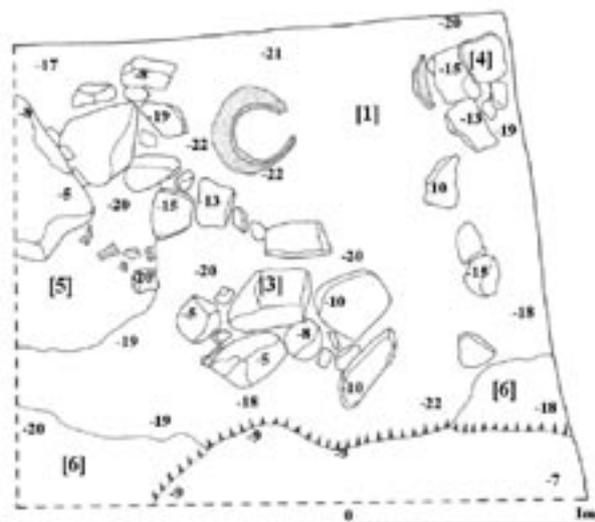


Fig. 15 Unidades 1 e 2. Ambiente 1.

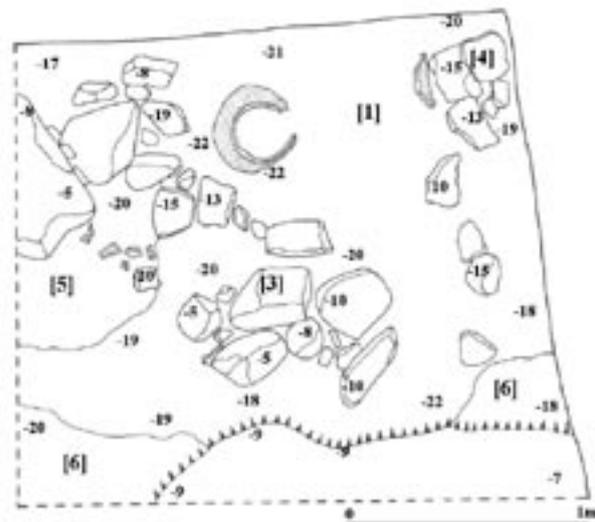


Fig. 16 Unidades 1, 3, 5 e 6. Ambiente 1.

AMBIENTE 3



Fig. 17 Planta do Quintal. Ambiente 3.

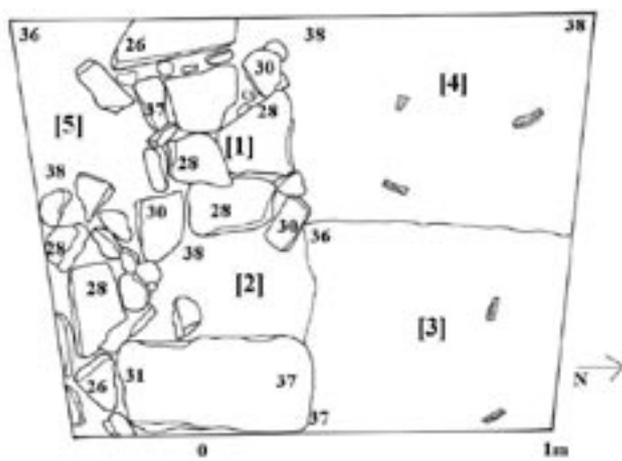


Fig. 18 Unidades 1, 2, 3, 4 e 5. Ambiente 3.

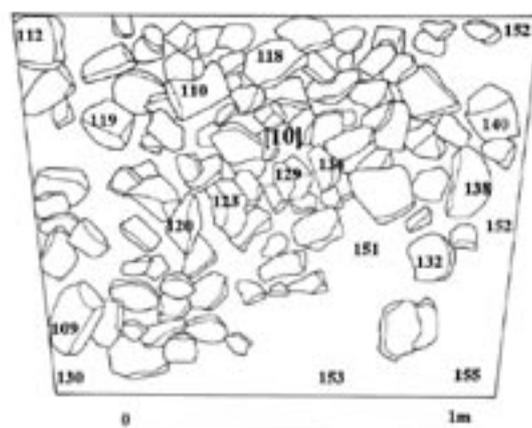


Fig. 19 Unidade 10. Ambiente 3.

AMBIENTE 3 – CORTES

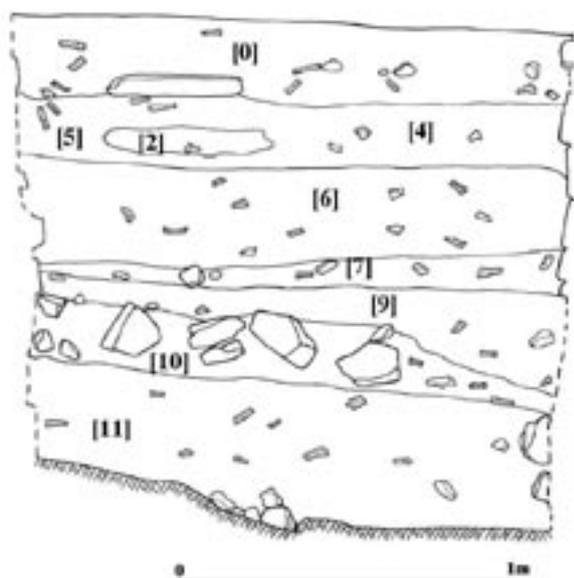


Fig. 20 Corte Oeste. Ambiente 3.

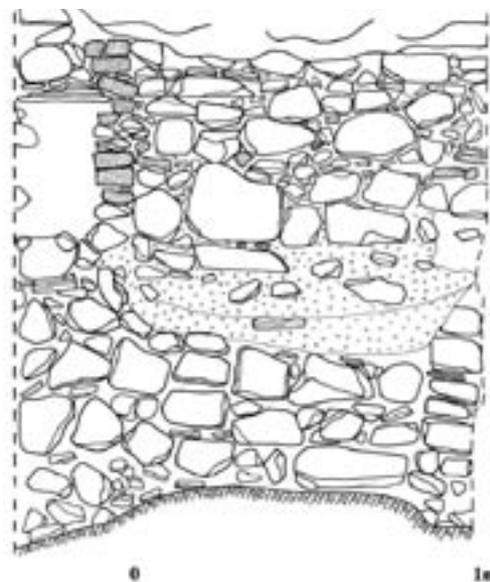


Fig. 21 Corte Este. Ambiente 3.



Fig. 22 Corte Sul. Ambiente 3.

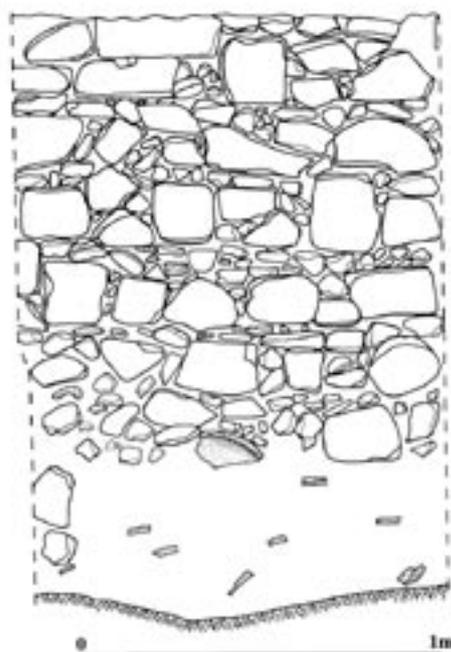


Fig. 23 Corte Norte. Ambiente 3.

Legendas:
 + + + = Argamassa
 :::: = cerâmica

Agradecimentos

Ao IPPAR – Évora pela acessoria técnica, nomeadamente à arquitecta Sofia Salema. À Firma António Serra Construções, Lda., o apoio prestado durante os trabalhos arqueológicos. A Ana Martins, funcionária do IPA - Crato, a lavagem e marcação dos materiais arqueológicos. À técnica de arqueologia Conceição Roque, os desenhos e tintagens de alguns dos materiais arqueológicos.

NOTAS

- ¹ Arqueóloga do IPA – Crato.
- ² Arqueólogo do IPA – Crato.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV (2000) - *Artesanato da Região Alentejo. Catálogo*. Évora. Instituto de Emprego e Formação Profissional/ D.R.A.
- KEIL, L. (1943) - *Inventário artístico de Portugal. Distrito de Portalegre*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p. 45-51.
- LIMA, F.C. P. (1960) - *A arte popular em Portugal. 2*. Lisboa: Verbo.
- MORENO GARCÍA, M. (2002) - *Estudo dos restos faunísticos da Rua 5 de Outubro, n.º 33 no Crato*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos do CIPA; 37) (fotocopiado).
- OSÓRIO, M.ª I. N. A. P.; SILVA, A. M. S. P. (s.d.) - Cerâmicas vidradas da época moderna no Porto. In *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal, p. 283-314.
- QUEIRÓS, J. (1948) - *Cerâmica portuguesa*. Lisboa: [s.n.].
- RODRIGUES, J.; PEREIRA, P. (1989) - *Guia artístico do Crato*. Crato: [s.n.].
- VALENTE, V. (1949) - *Porcelana artística portuguesa*. Porto: Imprensa Moderna, Lda.

